

*atlas*  
*de* **RELACÕES**  
**INTERNACIONAIS**

NÚMERO 9

**A REPÚBLICA MALGACHE**

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspecto Geográfico. 2 — População. 3 — Ocupação. .... 2

**O PROBLEMA TIBETANO**

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Aspectos Geográficos. 2 — Feições Culturais. 3 —  
Estrutura Social Tradicional. 4 — Tibet Moderno. 5 —  
As últimas décadas. .... 6

**OKHOTSK: PONTO NEVRÁLGICO NO ORIENTE**

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Expansão Russa para Leste. 2 — O Litoral Siberiano. 3 —  
A Conquista de Okhotsk. 4 — Aspecto Geopolítico. .... 13

**ILHAS FALKLANDS OU ILHAS MALVINAS**

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Quadro Natural. 2 — População. 3 — Antecedentes  
Históricos. 4 — Depois da Batalha. .... 18

CADERNO ESPECIAL  
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA  
XXXI — N.º 1

# A REPÚBLICA MALGACHE

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafa do IBG

## 1 — Aspecto Geográfico

*Madagáscar* é a quinta ilha em tamanho, entre as maiores do mundo, já que com sua área de 590.000 km<sup>2</sup> só é ultrapassada pela Austrália, Groenlândia, Nova Guiné e Bornéu. A área de Madagáscar, que é a maior ilha africana, corresponde mais ou menos aos nossos estados do Maranhão e Piauí juntos.

O eixo principal desta ilha do Índico corre quase que paralelo a costa africana, numa longitude de 1.600 km; sua forma é aproximadamente elíptica, alcançando na parte mais larga 580 km.

Suas costas, com 7.000 km de extensão, *não apresentam condições favoráveis ao estabelecimento de portos*, com exceção de *Diego Suarez*, em magnífica baía. Madagáscar é banhada a oeste pelo oceano Índico e a leste pelo canal de Moçambique, que a separa da África (402 km).

A ilha apresenta-se como um bloco compacto, *inclinado para o continente africano*. Os altos planaltos centrais, onde os picos mais altos são de *origem vulcânica*, pendem abruptamente para o leste, onde a planície é reduzida (cêrca de 16 km), apresentando uma série de contínuas lagunas a partir de Tamatave para o sul. O litoral ocidental é mais baixo e inclinado; as *terras aluvionais* desta região são cortadas pelos *rios mais importantes da ilha* que desaguam no canal de Moçambique. A bacia fluvial mais extensa é a do *rio Betsiboka e Ikopa*, êste último banhando Tananarive. Durante a estação

chuvosa o Betsiboka pode ser navegado por embarcações de cabotagem, até 80 km para o interior.

Situada entre os paralelos de 12 e 25 graus de latitude sul, Madagáscar é cortada pelo Trópico de Capricórnio em sua parte meridional. Encontra-se *inteiramente localizada na zona dos aliseos*, apresentando chuvas mais abundantes na fachada oriental (3 metros anuais em Tamatave), diminuindo progressivamente para o sudoeste (350 mm em Tulear). Sob a ação de chuva e do calor as rochas cristalinas (2/3 da superfície total) se decompõem em areia laterítica de côr vermelha, dando a Madagáscar a sua característica de "ilha vermelha".

Graças a êsse fator as *regiões mais populosas estão nos vales*, nos quais os rios acumulam ricas aluviões vulcânicas, aproveitadas pelos agricultores. A agricultura é a base da economia local, na qual o *arroz*, alimento preferido, ocupa as maiores extensões de terras aráveis; seguem-no as culturas da banana, mandioca e milho. (Vide quadro estatístico n.º 1).

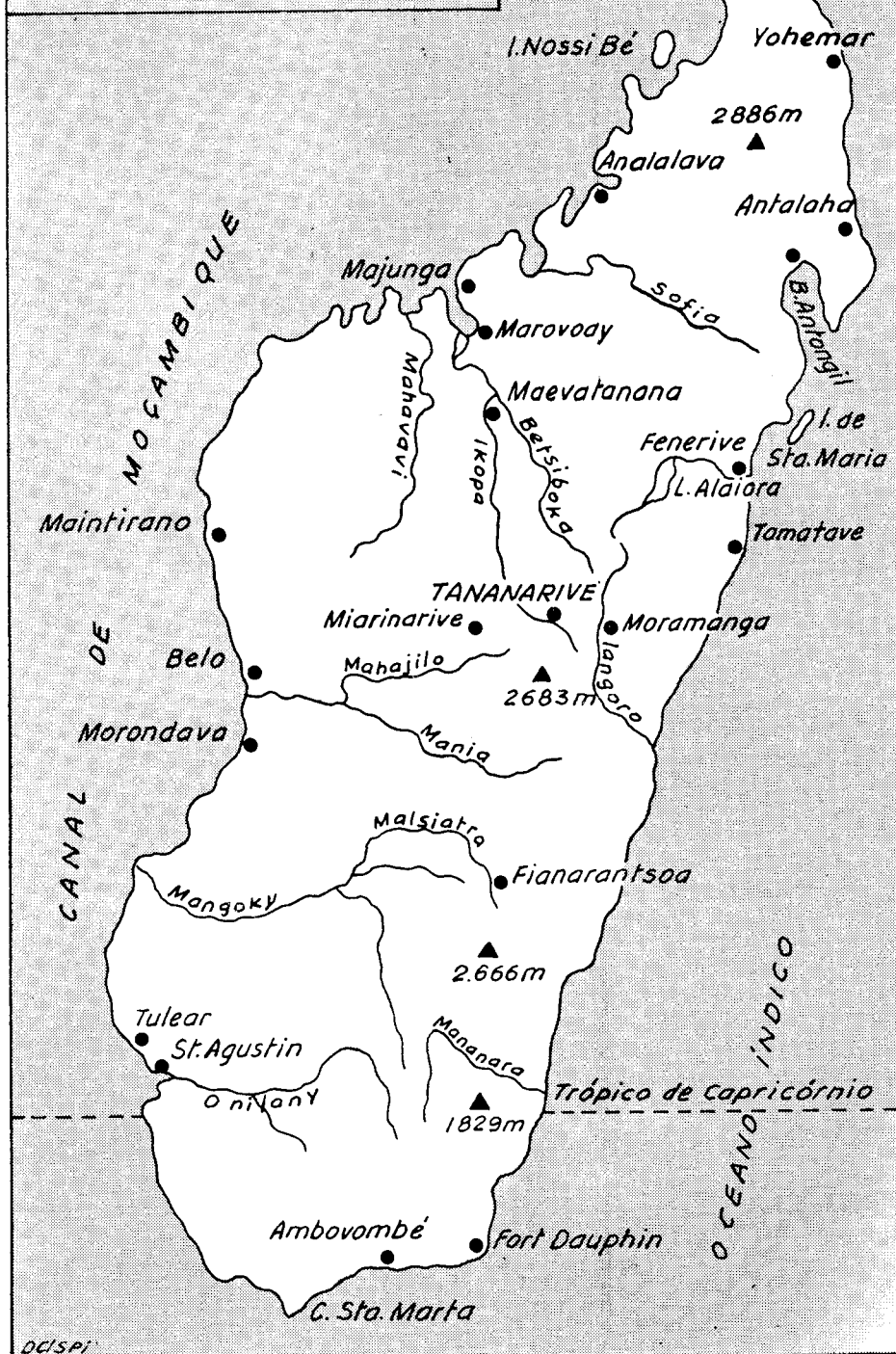
Na *pecuária*, instalada de preferência nas mesetas centrais, o gado bovino ocupa lugar de destaque: o zebu, originário da Índia, é o preferido, sendo que entre os nativos *betsileo* existem cêrca de 200 termos diferentes para distinção desta raça bovina quanto à côr, sexo, idade, etc. (Vide quadro estatístico n.º 2).

A principal riqueza mineral é a *grafita*, já conhecida pelos nativos, quando da chegada dos europeus, que a utilizavam em sua olarias. São con-

# REPÚBLICA MALGACHE

1968

Org. por Therezinha de Castro



sideráveis as minas de carvão, embora a maior parte delas ainda se encontrem inexploradas. No sul estão as mais importantes *jazidas de mica*, onde as placas atingem até 4 metros de comprimento por 1 metro de largura. (Vide quadro estatístico n.º 3).

É ainda deficitária a balança comercial de Madagascar, cujo principal produto de exportação é o café. Assim, entre os principais problemas do país está o de desenvolver os *trabalhos hidráulicos*, a fim de aumentar a produção agrícola; sabe-se que 1 ha. de arroz precisa, na região, de 5.000 a 8.000 m<sup>3</sup> de água. Por isso cogita-se do aproveitamento da depressão do lago Alaïora e deltas do Malahavi e Mangoky. A conservação dos solos aráveis, facilmente destruídos pela erosão pluvial e desflorestamento, vem sendo atacada pelo governo que, para isso, tem importado eucalipto da Austrália.

## 2 — População

Em 1865, *Alfredo Grandidier*, etnólogo francês, iniciava suas explorações científicas em Madagascar. Observou-se, então, que os *hovas* dominavam os demais grupos nativos da ilha, porque ocupavam a meseta central, de clima mais favorável para a instalação humana; daí *Tananarive*, capital deste povo e atual centro administrativo da República Malgache, estar a 1.400 metros de altura sobre o nível do mar.

Madagascar foi o *ponto de encontro de raças* em contraste — a africana negra, já que durante os últimos séculos os *bantus* foram lá introduzidos como escravos e a *malaio-polinésia* que os europeus já a encontraram. A partir do século VIII a ilha recebeu também contingentes *árabes*.

Do cruzamento do negro e malaio-polinésio surgiu o *tipo malgache*, que se apresenta com predominância do sangue negróide. Hoje o grupo nativo em maioria numérica e cultural é ainda o *hova*, que constitui a quarta parte da população da ilha, apresentando um total populacional de

6.180.000 habitantes (1964). Os *hovas* dividem a meseta com os *betsileos* de cor mais escura. Ao sul de Tamatave estão os *betsimisarakas*, autóctones da grande ilha. De descendência francesa, Madagascar conta apenas com 68.000 brancos.

Além da capital, Tananarive, as *cidades mais importantes* da República Malgache são: Majunga e Tulear na costa ocidental, Tamatave na zona oriental e Diego Suarez ao norte.

## 3 — Ocupação

Madagascar, que os franceses chamam de “a grande ilha”, por ser a maior já colonizada por eles, foi descoberta oficialmente a 10 de agosto de 1500 pelo português Diogo Dias, que lhe deu o nome de *São Lourenço*. Não possuindo abrigos naturais para a instalação de bons portos, os portugueses não lhe deram muita importância, passando a procurar e se garantirem em pontos de escala no continente, para a ligação efetiva de seu comércio com a Índia.

A Madagascar citada por Marco Polo, permaneceu abandonada por muito tempo, figurando até erradamente no mapa de Martim Behaim (1492), como país de Magdoche, em pleno oceano Índico.

Coube ao *Cardeal de Richelieu* interessar-se por Madagascar, ao criar a *Sociedade do Oriente*. Assim, em 1643, os franceses, comandados por *Jacques Pronis*, fundavam Fort Dauphin, para onde Colbert enviou, mais tarde, colonos franceses. Em 1686 Luiz XIV, através de uma ordenação, proclamava a *união de Madagascar com a Coroa Francesa*. No entanto, a esfera de influência francesa ficou limitada a esse ponto do sul, pois o altiplano central estava em poder da dinastia dos *Hovas* que lhe era hostil. Acrescentava-se a isso a rivalidade inglesa, que se apoderara de Tamatave.

Assim, em 1815, Radama I, rei Hova, permitia o estabelecimento efetivo dos *inglês em Madagascar*, onde

missionários protestantes instalaram escolas de evangelização. Com a morte de Radama I, uma de suas esposas foi proclamada rainha com o título de Ranavalo I. Esta resolveu romper as relações com os ingleses e, expulsando os missionários, martirizou os que haviam adotado o cristianismo. Tais hostilidades para com os europeus prosseguiram nos reinados seguintes.

Em 1885 a França consegue assinar um tratado com os *hovas*, através da rainha Ranavalo II, que permitia a presença de um residente francês em Tananarive. Mas, como continuaram as perseguições, os franceses resolvem enviar um corpo expedicionário sob o comando do general Duchesne (1894), que obteve da então rainha Ranavalo III o tratado de protetorado.

Nova insurreição dos *hovas* fez com que a ilha fosse definitivamente anexada pelos franceses (1896)\*, cabendo ao general Gallieni pacificá-la e iniciar a sua organização nos moldes ocidentais (1897-1905).

Para impedir a ação japonesa na África, durante a Segunda Grande Guerra, os ingleses e sul-africanos desembarcaram em Diego Suarez e Majunga (1942) e só evacuaram a ilha em 1946.

Logo em seguida o Partido Nacionalista iniciava, em 1947, a sua ação

\* Aproveitaram-se os franceses para estender a sua influência para o norte, onde anexaram o porto de Diego Suarez.

pró-independência, que os franceses procuraram, a princípio, reprimir. No entanto a República Malgache era proclamada (1958) e a França concedia-lhe a independência (1960), dentro da Comunidade Francesa. Seguiram-se acordos franco-malgaches (1960) que permitiram aos franceses conservarem em uso a base militar de Diego Suarez.

(Janeiro de 1968)

#### QUADROS ESTATÍSTICOS (1965)

##### Quadro n.º 1

Arroz .....	1.330.000 toneladas
Banana .....	150.000 "
Mandioca ...	850.000 "
Milho .....	90.000 "
Café .....	63.000 "
Batata .....	10.000 "
Amendoim ...	34.000 "
Sisal .....	25.000 "

##### Quadro n.º 2

Bovino .....	8.510.000 cabeças
Porcino .....	450.000 "
Ovino .....	300.000 "

##### Quadro n.º 3

Carvão .....	2.000 toneladas
Grafite .....	14.050 "
Cromo .....	5.900 "
Mica .....	964 "

FONTE: STATISTICAL YEAR BOOK (1967)

## O PROBLEMA TIBETANO

DELGADO DE CARVALHO

### 1 — Aspectos Geográficos

O “inacessível Tibet” e Lhasa, a “cidade proibida” foram regiões que, durante muito tempo, tentaram os viajantes e confundiram os geógrafos. Os escritos dos suecos Sven Hedin constituíram, por isso, uma verdadeira revolução. Não faltaram, entretanto, viajantes de várias nacionalidades que descreveram aspectos visitados. Já em 1624, o português *Antônio de Andrade* tinha estado duas vezes no Tibet; na sua segunda viagem para lá levou missionários cristãos que se estabeleceram na região algum tempo. Em meados do século XIX, porém, é justo lembrar que vários sábios indus frequentaram Lhasa. De 1872 a 1888, isto é, durante quinze anos viajou no Tibet o coronel russo Prjssvalsky que foi o primeiro a fazer exploração científica. Em 1895 coube a *Sven Hedin* incluir o Tibet nos seus estudos sobre a Ásia Central.

O Tibet é uma elevadíssima região de dois milhões de quilômetros quadrados, que estende seus dobramentos paralelos entre os montes *Karakorum*, *Himalaia* e *Altintag*. Estes formaram arcos que envolvem o planalto, apresentando vários picos com mais de seis mil metros de altura. A parte central, chamada *Tchan Tang*, é dotada de numerosos pequenos lagos salgados que apresentam suas margens. O mais conhecido destes lagos é o *Tengri Nor* que mede 1.000 km. <sup>2</sup>

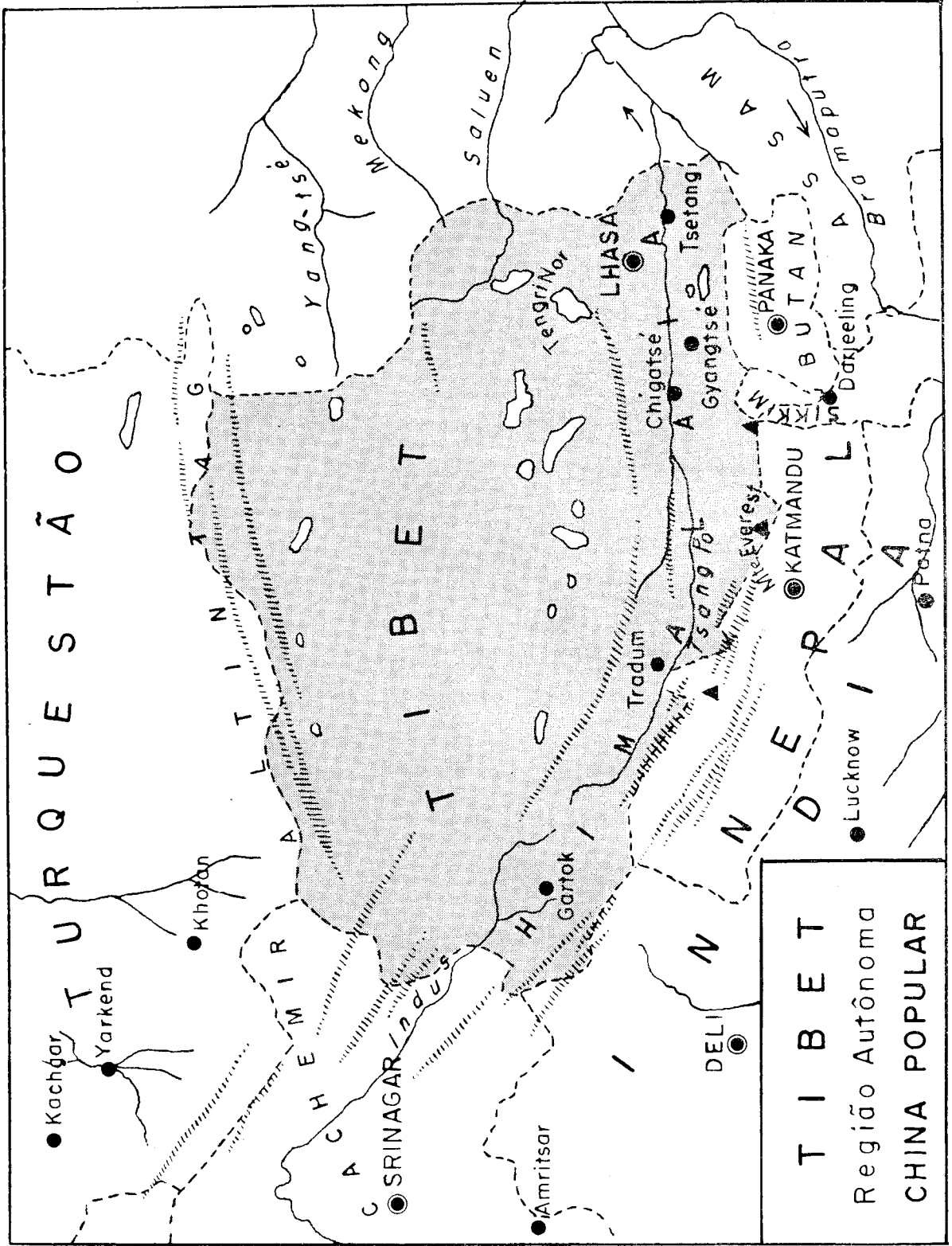
A parte oriental montanhosa apresenta serranias paralelas, chamadas os *Kam tibetanos*, orientadas para sudeste e formando os grandes vales e canions dos rios *Yang-tsé*, *Mekong*,

*Saluén* e vários outros, constituintes das bacias fluviais da China e Indochina.

No sul tibetano, entre a Cordilheira principal do *Himalaia* e o *Trans* (hoje dito Montes Hedin), corre num vale profundo o rio *Bramaputra* ou *Tsan-po*, que, ao esbarrar nas Cordilheiras dos Alpes do *Yunnan*, muda súbitamente de rumo e volta para sudoeste. Pertence também ao Tibet, na mesma região himalaiana, as fontes e parte superior do Indus, o que faz dê-lo um dos mais importantes centros de dispersão de águas do mundo.

O clima do Tibet é determinado pela sua grande altitude e pelas cordilheiras que o cercam. Fraca densidade do ar, insolação intensa e forte radiação são suas características, que explicam os grandes contrastes entre as temperaturas diurnas e sazonais. A parte oriental do Tibet é mais chuvosa, principalmente no verão; o oeste é mais nevoso. Na região sub-himalaiana, incluindo *Lhasa*, tem sido mais observado e menos caluniado o seu clima, pois em 1906 o coronel Waddell, em cuidadoso registro, declara ser uma das mais agradáveis residências do mundo (*Lhasa and its Mysteries*). De fato, o vale vizinho do *Tsan-po* é muito produtivo em trigo, frutas e flora alpina, embora o período de geadas anuais se prolonguem por mais de duzentos dias.

Nas regiões de altura superior à quatro mil metros, onde predominam fortes ventos, a vegetação é de gramineas finas e duras; as partes mais baixas são matosas e nos leitos dos rios intermitentes estendem-se campos e



TIBET  
 Região Autônoma  
 CHINA POPULAR

vegetação mais abundante. Os referidos vales do sudeste, sujeitos às chuvas oceânicas apresentam extensas florestas.

O Tibet mantém uma fauna abundante e característica. Além dos *kulanes* (asininos selvagens) dos *antílopes* cinzentos, apresenta os *carneiros* de chifre retorcido e os famosos *yakes*, bovídeos de boa carne e couro lanoso, que se prestam à tração; são animais muito resistentes ao frio.

## 2 — Feições Culturais

A população do Tibet foi avaliada, em 1964, em 1.321.000 habitantes, dos quais cêrca de 500.000 são chineses. Calcula-se que mais de cinquenta mil tibetanos vivem exilados no exterior, dos quais mais da metade se acham na Índia e no Nepal. A densidade demográfica é fraca; não ultrapassa de 10 a 15 habitantes nas regiões mais povoadas do Sul e do Sudeste. A população é formada por vários tipos mongóis, mas mantém notável unidade de língua e de costumes. Nariz largo, maçãs do rosto salientes, cabelos grossos; os olhos dos tibetanos são um pouco menos dobrados em prega do que nos demais mongóis.

A religião do Tibet é o *lamaismo*, uma forma de budismo que lá se desenvolveu e de onde se difundiu para a Mongólia, para a China e também para a Sibéria e mesmo para a Caucásia; destas últimas infiltrações resultaram, no passado, questões que envolveram o governo czarista na política tibetana. A organização hierárquica desta religião data da reforma de Tsong-Kata, no século XV e a criação de seu *poder temporal* se deu no século XVII.

O dogmatismo do lamaismo difere um pouco do budismo dito *Mahayana* ou "Grande Veículo", isto é, de um budismo reformado, mais especulativo, mais atuante, transformando a ordem monástica em Igreja e seguindo as três vias da salvação: a devoção, o

ascetismo e a piedade benfazeja para com todos os seres.

Pode ser o monje Padma Sambava considerado como o verdadeiro iniciador do lamaismo (747 a.t.) que fêz construir o primeiro mosteiro tibetano em Samié e instruiu a primeira comunidade lamaista. Foi criticado o seu relaxamento da disciplina budista, a sua tolerância de casamento no clero e a sua admissão de cerimônias mágicas. Houve, em seguida, uma reação, e, no século X, perseguições. A reforma, porém, só se deu no século XIII, quando o já referido Tsong-Kapa, monge de Amdo, restaurou a disciplina budista original e mais severa. Foi êle chamdo o *Grande Lama de Galdan*, mosteiro por êle fundado em 1409. A autoridade absoluta atribuída por Kupilai-Kan, imperador da China, os Grandes-Lamas, havia marcado o triunfo do sacerdócio sôbre o poder civil. A sede abacial de Galdan era hereditária e o sexto sucessor de Tsong-Kapa, com o auxílio de um príncipe mongol, destronou o rei do Tibet e assumiu a *soberania temporal*, sendo reconhecido pelo imperador chinês em 1642, com o título mongol de *Dalai-Lama*. Daí resultou a hierarquia do lamaismo ortodoxo: o *Dalai-Lama*, o *pantchen*, personagem quase igual ao Dalai, os *lamas* encarnações de budas vivos, os *altos dignitários*, os *sacerdotes sábios*, os *noviços iniciados* e os *noviços não-iniciados*.

Sob o ponto de vista político e administrativo o Tibet tinha se tornado independente da China em 1912, sendo seu soberano espiritual o Dalai-Lama, residente no palácio de Potala em Lhasa. A sua escolha era feita pelos três mosteiros de Lhasa (Ganden, Sera, Dretprung) e pelos *oráculos* oficiais de Lhasa e Samié. O segundo Lama (pantchen) reside em *Shigatse*, detém grande autoridade.

A constante relação que existe entre a vida religiosa e as atividades políticas e administrativas do Tibet explicam o simbolismo da maior parte de suas realizações artísticas. Um con-



servantismo marcado, das características do budismo indiano medieval dos séculos XI e XII, se encontra em tôdas as suas manifestações. *Imagens* pintadas ou esculpidas foram trazidas por missionários budistas e copiadas, em imitações mais grosseiras, por artistas anônimos, receosos de introduzir divindades novas mas que são derivadas de *Siva*, ou novos *gênios* denominados hereges. Destacam-se *escultores* de madeiras nos baixos-relêvos de capas de livros sagrados, de estatuetas de bronze ou de latão, representando influências chinesas, como leões ou flôres, incensórios, gênios, vasos de prata e outros objetos. Os *stupas*, monumentos funerários com cavidades para relíquias, são de origem budista, mas no Tibet tem forma característica, arredondada e mais elevada sôbre base retangular. As *pinturas* tibetanas refletem influência chinesa; representam cenas, religiosas com minuciosos detalhes.

### 3 — Estrutura Social Tradicional

A sociedade tibetana apresenta, ainda, uma estrutura semifeudal, em via de dissolução, sendo dividida em 4 classes: os nobres, os negociantes ou mercadores, os camponeses e os pastôres.

A nobresa no Tibet tem três origens. O senhor nobre pode ser descendente de um herói que foi nobilitado pelo govêrno; pode pertencer a uma família em que renasceu um Dalai-Lama; pode também ser membro de uma velha família ilustre nos tempos idos, mas ainda reverenciada por todos. Êstes últimos são os menos numerosos da classe nobre. O *seukot* tibetano é geralmente possuidor de muitas terras, cultivadas por rendeiros ou cultivadores caseiros que pagam em espécies, dinheiro, produtos ou serviços. Por sua vez o nobre paga, do mesmo modo, seus débitos ao Govêrno. Em regra, dois membros de cada família nobre devem servir ao Estado por salários nominais. As *Leis de herança*

variam de uma região para outra, mas, em regra, a mulher não herda terras quando há herdeiros masculinos. Em compensação a *família da mulher* é que adota o marido e lhe dá o seu nome. Na administração dos bens a mulher tem voz ativa. O tibetano gosta de festas e convescotes, mas é cerimonioso e observa rigorosa *etiquêta*.

A classe média, aliás pouco numerosa, é constituída pelos *comerciantes*, *leigos* em geral, mas também monges que negociam por conta dos mosteiros, onde existem sempre departamentos de administração econômica. Os comerciantes percorrem tôdas as regiões: no norte vão buscar *sal* nos lagos; a leste vão comprar *chá* da China; no sul procuram *lãs*, *couros* e *mercadorias da Índia*. De fato, o Tibet exporta lãs, couros de yak e de cabra, sal, almíscar odoríferos, bórax e ervas medicinais. A importação é principalmente de tecidos, de chá, de utensílios caseiros, agulhas, fósforos e sabão.

O camponês é, em regra, o cultivador das terras do patrão, do qual ainda o separa todo um espaço social, feito de diferença até de linguagem, isto é, de vocabulário. Mas existe, entre o senhor e êle, solidariedade; o servo se orgulha de seu nobre. O número de empregados é grande; a escravidão é muito rara.

Quanto aos *pastôres*, gozam de uma vida mais independente. Das alturas do pastoreio descem para vender os produtos da criação de yaks, de cabras e de carneiro; para comprar chá, roupas, trigo, frutas e legumes.

O regime alimentar do tibetano consiste de carne de Yak ou de carneiro, farinha de cevada, queijo, leite e chá. São grandes consumidores de chá os tibetanos, bebendo até 30 ou mais xícaras por dia, em mistura com manteiga e sal; evitando o chá preparado à européia, que julgam indigesto e pouco nutritivo. São também bebedores de cerveja.

No Tibet ainda existe a *poligamia*, mas reservada, praticamente, aos ricos. Entre os pastôres predomina a *polian-*

*dria*: ao casar com um filho de família, a mulher se torna esposa de todos os irmãos dêle que são menores. De um modo geral, predomina a *monogamia*. Ao casar o seu filho, o pai costuma consultá-lo a êste respeito; o mesmo não acontece ao casar a sua filha. As propostas de casamentos obedecem aos *horóscopos* dos candidatos. O dia fixado para o ato e os presentes devem ser auspiciados.

#### 4 — O Tibet Moderno

No tempo do quinto Dalai-Lama (Gya-tso) o *Preste-Rei* que ficou na História conhecido como o *Grande Quinto*, o poder temporal reconstruiu magnificamente o Palácio de Portala que havia sido destruído. O Tibet adquiriria uma importância internacional pelas relações estabelecidas com a *China* e pelas visitas de *exploradores europeus*. Quando, porém, começou a decair a monarquia lamásica, a China cuidou de intervir nos negócios do Tibet, nomeando um representante permanente em Lhasa, com o título de *Amban*. Em consequência dêste protetorado aparente ou real, a China teve que auxiliar militarmente os tibetanos a repelir as *invasões gurkas*, oriundas do *Nepal*, no fim do século XVIII. Em 1841 o Tibet, que o Governo de Pequim fechava as portas às influências estrangeiras, se achou em condições de repelir uma invasão de montanhesees do *Cachemir* e quando a *Índia* solicitou a abertura de relações, o Tibet recusou e não reconheceu o acôrdo que a Índia havia feito com a China a seu respeito (1872).

Ao se abrir o século XX a Ásia apresentava o aspecto de um continente assaltado: em todos os setores as principais potências européias tinham talhado colônias e a China, enfraquecida, via seus melhores portos "concedidos" ao estrangeiro. Dominava, porém, no panorama internacional, a rivalidade entre a Inglaterra, senhora da Índia, dos caminhos para a Índia e de boa parte da Indonésia, de um lado,

e a Rússia czarista, dominadora de toda Ásia setentrional, isto é, da Sibéria e do Turquestão. Era então na *Pérsia*, no *Afeganistão*, no *Pamir* e no *Tibet* que se enfrentavam essas duas potências. A Rússia possuía um processo natural de intervenção no Tibet: os seus numerosos súditos budistas, cuja igreja dependia espiritualmente de Lhasa e temporalmente de São Petersburgo. As embaixadas tibetanas que recebia a *capital* dos czares davam impressão de um protetorado. Do lado sul do Himalaia a Inglaterra cuidava zelosamente da fronteira da Índia do Cachemir e do Afeganistão, mesmo nos pontos de mais difícil acesso. A política imperialista seguida pelo vice-rei das Índias, lord Curzok, deixava transparecer receios de invasão que faziam sorrir os próprios ingleses.

Foi então que se deu o inesperado golpe japonês na política da Ásia continental, derrotando a Rússia no extremo oriente. A ocasião era favorável à Inglaterra para entrar em relações diretas com a misteriosa cidade de Lhasa, desprezando a Suserania Chinesa. Coincidiu com a derrota russa a organização de uma expedição comercial sob o comando do coronel Young-husband (1904), que acabou sendo recebido em Lhasa, quando de lá já havia fugido o Dalai-Lama. Foi assinada uma convenção de protetorado análoga a que rege o Nepal e o Butan. Estabelecia *três mercados livres* no Tibet: *Gyang-Tse*, *Gartok* e *Yatung*, demolia os fortes nas estradas de acesso, concedia a ocupação do *passo de Tchumbi*, no Sikim e, por fim, comprometia-se Lhasa a nada vender nem hipotecar a uma potência estrangeira sem o assentimento britânico. A China, suzerana teórica, aderiu a convenção (1906).

Não foi mais difícil a conclusão de um acôrdo entre a Inglaterra e a Rússia. O ato diplomático abrangia territorialmente toda a faixa da Ásia Central e Ocidental, envolvendo a Pérsia, onde eram fixadas zonas de influências. Pela *convenção* de 1907 comprometiam-se, ambas as potências,

a respeitar a integridade territorial do Tibet, abster-se de qualquer ingerência na sua administração, a não procurar concessões de vias férreas, minas, linhas telegráficas e mesmo mandar expedições científicas sem prévio acôrdo mútuo, ficando as questões com o Tibet a serem resolvidas por intermédio do Governo da China.

Assim apresentava-se a situação internacional do Tibet, quando em 1912 se deu a *revolução chinesa e proclamação da república*, o Amban chinês foi convidado a se retirar e o país se tornou *independente*. A guerra mundial que seguiu não deu tempo as potências interessadas de se ocupar com os destinos do Tibet, ficando igualmente a China alheia ao que nêle se dava. Em 1920 uma missão britânica foi recebida em Lhasa, cidade depois ligada a Índia pelo telégrafo. As ascensões do *monte Everest* foram novos atrativos de 1921 a 1924.

## 5 — As Últimas Décadas

Em 1933 morria o *décimo terceiro Dalai-Lama* e foi nomeado um regente, enquanto era procurado o *décimo quarto Dalai-Lama*. Foi êste encontrado na pessoa de uma criança de cinco anos, em Chigai, e levado para Lhasa. Em 1940 era reconhecido e, em 1950, assumia o Governo temporal e espiritual. Uma missão chinesa foi enviada ao Tibet para apresentar pêsames pelo falecimento do *décimo terceiro Dalai-Lama* e felicitações pelo advento do *décimo quarto*.

Com o Nepal passaram as relações a serem mais independentes, perdendo os nepaleses os privilégios que tinham quando residiam no Tibet. Um consulado tibetano foi criado em *Katmantu*. Por sua vez a *Inglaterra* obteve a manutenção dos três mercados livres já referidos, mas abria mão dos serviços de correio e telégrafos que mantinham no Tibet. Vários foram então os melhoramentos rodoviários no vale de Tsang-po e as comunicações com a Índia pelo *passo do Sikim* para Darjeeling.

Quando, em 1950, o Exército de Libertação da China Popular entrou no Tibet, o governo de Lhasa apelou para as Nações Unidas, mas nada daí resultou. Um acôrdo sino-tibetano teve que ser assinado entregando a China a defesa militar do Tibet e o cuidado de suas relações internacionais. Lhasa recebia um representante da China, incumbido da política exterior. Com a Índia surgiram discussões sôbre as fronteiras meridionais do Tibet, em virtude da imprecisão da chamada *linha Mc Mahon* traçada em 1914. Os destacamentos chineses localizados no Tibet foram, a partir de 1951, constantemente atacados por irregulares *Kampa*, hostis a tóda e qualquer autoridade de Pequim ou de Lhasa. Mas, em março de 1959, deu-se forte movimento de rebelião que proclamou a independência do país que a China Popular procurava "libertar". A intervenção chinesa se operou por meio da "*Comissão Preparatória*" que governou até 1965, aplicando o regime que rege o *Turquestão* e a *Mongólia Interior*. Era a integração total no sistema constitucional chinês. Ao Dalai-Lama, que três vêzes seguidas tinha fugido de Lhasa, Pequim opunha o *Panchan-Lama* que era pró-chinês. Finalmente foi a Índia que recolheu o Dalai, sob promessa de que êle lá não tratasse de organizar um "Governo em Exílio".

Em 1966 a *Revolução Cultural* da China Popular alcançou o Tibet e os refugiados tibetanos afluíram para a Índia. Em princípios do ano seguinte deu-se grave conflito entre a facção maoista e facção anti-maoista, apoiada por tibetanos, que dominava em Lhasa até 1968. As reformas socialistas que a China está introduzindo no país não podem mais contar nem com o Dalai, que se exilou, nem com as fôrças militares tibetanas que foram dissolvidas. É essencial lembrar que tóda e qualquer reforma no Tibet tem de levar em conta o seu *lado religioso*, além do *aspecto social* prôpriamente dito. Cooperativas têm sido formadas, mosteiros têm sido confiscados, terras

feudais têm sido repartidas, mas a oposição das massas populares atua mais do que as elites convertidas ao novo regime. O clero lamásico tem adotado o socialismo, mas custa a se integrar na vida coletiva de trabalho manual, de produção agrícola ou de outra; os lamas aceitam a reforma, contanto que a *liberdade religiosa* lhes seja garantida. De outro lado, sem se desinteressar do *problema tibetano*, a

China Popular atual está apresentando um duplo aspecto da revolução cultural, resultante da divergência entre os membros do Partido como Liu Shao, que entendem colocá-la sob seu controle e os partidários de Mao Tse Tung, que temem a sua evolução para uma burocracia burguesa e uma marcha para o revisionismo.

(Dezembro de 1968)

## OKHOTSK: PONTO NEVRÁLGICO NO ORIENTE

THEREZINHA DE CASTRO  
Geógrafa do IBG

O mar de *Okhotsk*, fechado pela península de Kamtchatka, arquipélago das Kurilas, e ilhas de Hokaido ou Yeso e Sakalina é formado pelo oceano Pacífico entre os paralelos de 45 e 60 graus de latitude norte. Sua superfície é de 1.500.000 km<sup>2</sup>, com uma profundidade média de 750 metros. Suas águas são frias, em virtude da latitude em que se encontram, mas as constantes e violentas tempestades não permitem, em sua parte central, a formação dos campos de gelo, como ocorre no mar de Bhering.

É um mar rude, porém rico, dada a variedade de peixes que encerra na área que ocupa. Em Okhotsk podem ser pescados o salmão, o arenque, o bacalhau, focas, golfinhos e até caranguejos na parte ocidental da península de Kamtchatka. Embora aí também sejam encontradas as baleias, as flotilhas de Vladivostok preferem o mar de Bhering para tal mister.

### 1 — Expansão russa para leste

Coube a Ivan, o Terrível, vencendo o poderio dos khans tártaros estabelecidos no Volga médio e inferior, estabelecer o núcleo *geo-histórico da Rússia* que, desde meados do século XVI, iria se caracterizar por uma constante expansão em território virgem. A *expansão russa* foi essencialmente superficial, caracterizada por mera ocupação de territórios em busca de riquezas, entre as quais peles raras e ouro. De certo modo a *marcha para o leste*, realizada pelos russos, apresenta certas analogias com a expansão para o este feita pelos portugueses, em busca do ouro e pedras preciosas.

Na expansão para o oeste os portugueses se defrontaram com tribos indígenas e espanhóis, tendo que lutar para deslocarem o meridiano de Tordezilhas. Já a Sibéria, não com a luta entre as tribos cossacas e pioneiros russos, e sim pelo poder da distância e poder do deserto (1581-1636). Neste período, enquanto os europeus procuravam conquistar o Atlântico, os russos se expandiam em direção ao Pacífico. Coube ao cossaco *Yermak* mostrar o caminho da Sibéria, que levaria o russo *Dechnev* ao Pacífico.

Na América os portugueses conseguiram conquistar extensas áreas no interior do continente, embora sua colonização se mantivesse estritamente ligada ao litoral atlântico. Conquistada a Sibéria, sua parte central manter-se-ia também por vários séculos ilhada econômica e culturalmente; a *colonização russa esteve limitada a uma estreita faixa de terra no litoral do Pacífico*, onde havia terra fértil, com suficiente pluviosidade para a exploração agrícola. Graças a essa expansão a Rússia, à semelhança do Brasil, se mantém com um coeficiente relativamente baixo de população.

### 2 — O Litoral Siberiano

O extremo oriente soviético, formado pelo litoral siberiano, se estende do Oceano Glacial Ártico até Vladivostok. Essa região litorânea é cortada, de norte a sul, por uma cadeia de montanhas, com altitudes variando de 2.000 a 3.500 metros, de modo tal que a penetração natural só seja possibilitada através dos vales do *Anadyr e*

*Amour*. Dêste modo a região litorânea da Sibéria encontra-se praticamente isolada do restante território da União Soviética.

Nesta *região independente* podemos distinguir dois blocos distintos:

a) A *Região Nortista*, fronteira ao mar de Bhering, gelado pela latitude em que se encontra, compreendida entre duas penínsulas a de Tchoukote (ao norte) e a de Kamtchatka (ao sul). Dois portos se destacam na região: o de *Anadyr*, na embocadura do rio do mesmo nome e o de *Petro-pavlovsk*, na península de Kamtchatka. Este bloco setentrional possui jazidas de carvão e ouro de exploração em larga escala.

b) A *Região Sulista*, englobando a Província marítima e a zona do vale do Amour, é banhada pelo mar do Japão. Aí estão os centros importantes de indústrias florescentes representados por *Nicolaievsk*, *Sovietskaia Gavane* e *Vladivostok* (portos de mar) como também por *Komsolnolsk* e *Khabarovsk*, cidades mineiras do interior. Esta área do sul é rica em carvão, ferro, estanho, antimônio e ouro.

Por Khabarovsk passa a *Transiberiana* (9.300 km), estrada de ferro construída em 1898, para unir Moscou à Vladivostok. Este fato colocou a região nortista na mais estreita dependência da região sulista, para o escoamento de suas riquezas. E, assim, êsses dois blocos distintos não poderiam ficar na dependência exclusiva da linha aérea Khabarovsk-Magadane. Daí a *importância do mar de Okhotsk*, espécie de elo entre os dois blocos litorâneos da Sibéria, ocupados pelos russos, com riquezas minerais em exploração. Para impor sua supremacia no mar de Okhotsk os russos iriam ver seus interesses se chocarem com o dos japoneses.

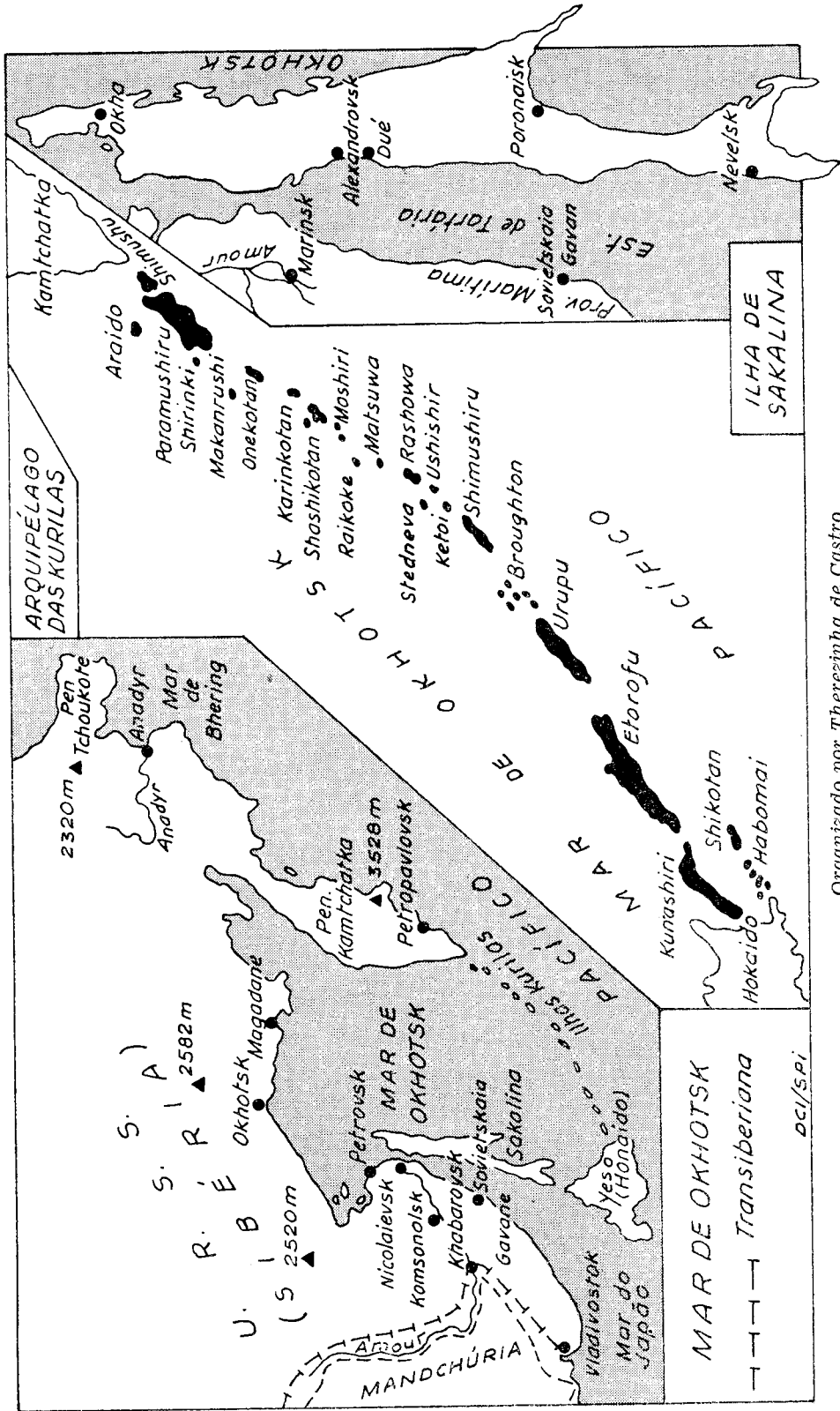
### 3 — A Conquista de Okhotsk

Para dominar o mar de *Okhotsk* tornar-se-ia necessária a anexação da *ilha de Sakalina* e *arquipélago das*

*Kurilas*; ambas descobertas mas não colonizadas pelo navegador holandês *De Viries* (1643). Os russos que haviam chegado a península de Kamtchatka (1696-1710), conduzidos pelo cossaco *Atlasow*, pouca importância lhes deram.

Em 1739 o dinamarquês *Vitus Bhering* explorava as *Kurilas*, nome derivado de Kurit (fumar), em virtude dos vulcões que aí encontrou. Prosseguindo para o norte, descobriria a América pelo Ártico, pois desembarcou no Alaska. O arquipélago passou então a ser visitado ocasionalmente por caçadores russos em busca de peles raras e por pescadores japoneses, que daí tiravam o peixe para o sustento da população do Japão. O rigor do clima e a pobreza do solo dessas ilhas impediram a colonização japonesa; enquanto a população sedentária se estabelecia no sul (ilhas de Kunashiri, Skikotan e Etorofu), onde era possível alguma agricultura na parte norte do arquipélago (ilhas de Urupu, Shimushiru, Paramushiru e Shimishu) estabeleceram apenas entrepostos para reabastecimento de seus barcos e tratamento do peixe.

O estabelecimento russo no litoral, em frente a *ilha de Sakalina* (denominada Sagalin pelos chineses) foi feito em 1850 por *Nevelsk*, ao fundar *Petrovsk*, asteando em seguida o pavilhão russo na embocadura do Amour em *Nicolaievsk*. Embora o almirantado russo, não desejando incidentes com a China, tenha exigido a retirada dos russos da região, o czar animou a empreza, nomeando *Nevelsk* para governador da zona. Estende-se, então, progressivamente a ocupação russa no continente fronteiriço a Sakalina, fundando-se *Marinsk* às margens do Amour; daí passaram para a ilha de Sakalina onde os russos estabelecem o posto de *Alexandroisk*. Vem finalmente a ordem oficial para a tomada de posse da ilha, o que é feito por *Nevelsk* (28 de setembro de 1853), embora sob protestos de alguns japoneses estabelecidos no sul. A expansão russa con-



Organizado por Therezinha de Castro

OC/SP/1

tinua pelo litoral asiático, através da Mandchúria Chinesa, onde é fundada a cidade de Vladivostok (1858).

No entanto os russos tiveram que tratar com os japoneses, seus principais concorrentes no mar de Okhotsk. Por isso o *Tratado de Shimoda* estabelecia o *condomínio russo-japonês em Sakalina*, cujas modalidades e explorações conjuntas seriam estabelecidas pela Convenção de 1867. Anos depois o *Tratado de S. Petersburgo* (1875) estabelecia que a Sakalina ficaria para os russos e as Kurilas para os japoneses.

Em 1904 tornara-se evidente que a Rússia pretendia tomar a Mandchúria; isto não interessava aos japoneses, que tinham interesses na Coréia. Daí a guerra russo-japonêsa que terminou com a vitória do Japão. Põe fim ao conflito o *Tratado de Portsmouth* (1905), no qual o Japão demonstra claramente seu interesse pelo mar de Okhotsk; exigiram, como vencedores, os direitos de pesca neste mar e no de Bhering, obtendo ainda a parte sul da ilha de Sakalina, delimitada pelo paralelo de 50 graus, bem como pôrto Arthur no continente chinês, para daí poderem melhor controlar a Coréia. Se a importância do mar de Okhotsk para a Rússia era a da cobertura estratégica da região do Amour, para o Japão se prendia à questão da pesca.

Mais tarde, aproveitando-se da guerra civil na Rússia, que determinou a queda do regime imperial, os japoneses ocupam também o norte de Sakalina (1920); mas daí se retiram (1925) graças a interferência dos Estados Unidos.

A derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial marca a derrocada do poderio nipônico em Okhotsk e a supremacia russa na região. O encontro de *Yalta* estipulou a ocupação militar das Kurilas pelos russos; enquanto o *Tratado de Moscou* (1956) entregava aos russos a ilha de Sakalina. Era a *hegemonia russa em Okhotsk*.

O Primeiro Ministro Hatoyama recebeu serenamente as inúmeras perdas japonêsas no Pacífico, mas não se

conformou com a ocupação de Riu-Kiu e Okinawa, no sul do arquipélago japonês, pelos Estados Unidos, nem com a anexação pelos russos das ilhas meridionais do arquipélago das Kurilas (Kunashiri, Habomai, Shikotan e Etorofu).

Foster Dulles, então Secretário de Estado dos Estados Unidos, via, para a estratégia de seu país, a necessidade de assegurar o controle dessas ilhas a fim de fazer do imenso Pacífico "um oceano amigo". Os russos, embora com o domínio de Okhotsk, passaram a ver nos estadunidenses o mais sério entrave de sua suprema influência na área do Extremo-Oriente.

No entanto, os russos ficariam dominando o mar de Okhotsk, cuja importância geoestratégica passaria a se constituir num *ponto nevrálgico no Oriente*.

#### 4 — Aspecto Geopolítico

A ilha de Sakalina tem 900 km de comprimento e 200 km na sua largura máxima; apresenta uma área de . . . 75.000 km.<sup>2</sup> Sua importância geo-política está ligada ao fato desta ilha *fechar inteiramente o mar de Okhotsk* na sua área oeste, permitindo aos russos dominarem a embocadura do rio Amour.

Sua importância econômica está nas jazidas de petróleo e carvão que seu solo encerra. O óleo bruto é transportado daí para as refinarias de Komsonolsk e Khabarovsk no continente. As jazidas de carvão, situadas sob os dois flancos da cadeia montanhosa central é relativamente menos importante para os russos do que a produção petrolífera de toda a ilha. O centro petrolífero de Okha e o carbonífero de Dué receberam, depois da Segunda Guerra Mundial, colonos provenientes de todos os centros mineiros da União Soviética.

O arquipélago das Kurilas forma um arco que se estende por 1.100 km, desde o noroeste da ilha japonêsa de Yeso ou Hokaido até a ponta sul da



península de Kamtchatka, separando o mar de Okhotsk do oceano Pacífico. Constituído por 33 ilhas a área do arquipélago é de 15.000 km.<sup>2</sup>

Sob o ponto de vista geopolítico essas ilhas *comandam os estreitos que dão acesso aos portos soviéticos*, instalados na parte siberiana banhada pelo mar de Okhotsk. Ainda sob o ponto de vista geopolítico essas ilhas constituem ponto de observação, podendo *vedar e defender as diferentes passagens entre o mar de Okhotsk e o oceano Pacífico*. Ocupando essas posições os russos estão em condições de supervisionar todas as rotas marítimas entre os portos de Vladivostok, Sovietskaia, Gavan, Nicolaievsk, Magadan, bem como proteger as passagens para a península de Kamtchatka, vale do Anadyr e caminho do Ártico, onde a defrontação russa obteve vários arquipélagos\*.

---

\* Vide, Atlas de Relações Internacionais n.º 8.

Da ilha mais setentrional das Kurilas (Shimushu), os russos se encontram a 630 milhas de Attu a mais ocidental das bases aéreas insulares dos Estados Unidos. Assim sendo os russos instalaram no estreito que separa as ilhas de Shimushu, Paramushiru e Araido, as suas principais bases navais. Sabem os russos da importância estratégica desta região, pois foi daí que, durante a Segunda Guerra Mundial, partiram as forças aeronavais japonesas para atacar Pearl Harbour e o arquipélago das Aleutas. Na ilha meridional de Shikotan, que o Japão reivindica, os russos estabeleceram, na pequena e bem abrigada baía de Matsuga-Hama, uma base de hidroaviões e submarinos.

As Kurilas, por sua importância geoestratégica, transformaram-se numa cunha soviética virada para o Império Japonês, como também num ponto de defesa avançada na direção do Ártico, onde a Rússia e Estados Unidos se encontram frente à frente.

# ILHAS FALKLANDS OU ILHAS MALVINAS

DELGADO DE CARVALHO

## 1 — Quadro Natural

Um arquipélago de uma centena de ilhas e ilhotas, situadas no Atlântico Sul, à cerca de 250 milhas da Terra do Fogo, é chamado de ilhas *Falklands* pelos ingleses, ilhas *Malvinas* pelos argentinos, e *Malouines* pelos franceses. Representaram posições estratégicas no Atlântico para a potência que, no princípio do século, possuía a esquadra maior do que, reunidas, as duas esquadras classificadas em segundo e terceiro lugar.

As Malvinas têm geologicamente conexão com o continente, pois repousam sobre a *plataforma continental* submarina que as envolve num arco entre os graus de 51 e 52 de latitude sul. Duas são as ilhas principais, *Soledad* à leste e a *Malvina del Oeste* à oeste. A superfície das terras emersas que as constituem é de 11.700 km<sup>2</sup>. Geologicamente acham-se também vinculadas aos arquipélagos austrais *Geórgias*, *Órcadas*, *Sandwich* e *Shetland*, isto é, às *Antilhas Austrais*. A base geológica é granítica, como na costa patagônica e apresenta sedimentos devonianos e permianos da série de Gondwana.

“O contórno das Malvinas, diz Frederico Daus, é muito acidentado, especialmente nas suas costas oriental e ocidental. São também muito montanhosas, mas as altitudes não excedem 700 metros. As formas do relevo apresentam aspectos maduros, de perfis arredondados e colinas baixas; às vezes, terrenos alagadiços. As costas têm, pelo seu traçado, lugares mais profundos do que os da ilha dos Estados”.

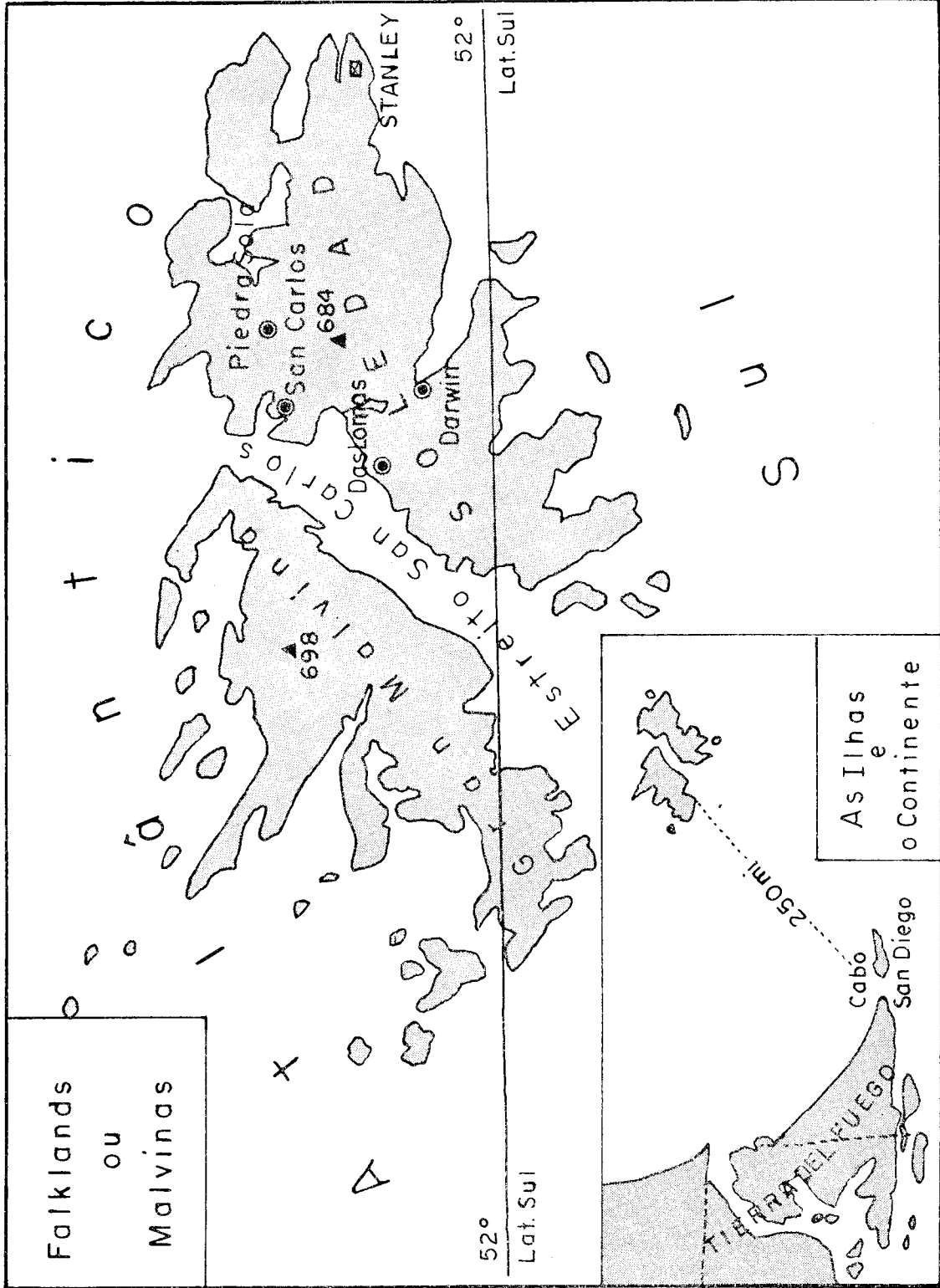
Sob o ponto de vista climático é curioso notar, como faz a Enciclopédia Britânica, a analogia entre o *clima das Falklands* e o *clima de Londres*; de fato estão sob a mesma latitude, uma norte outra sul. A oscilação térmica varia de 15 a 12 graus centígrados. O céu é geralmente encoberto; são cerca de 250 os dias de chuva, mas se é freqüente esta precipitação é quase sempre sob forma de chuviscos, daí a forte *umidade anual*. Os ventos que predominam nas ilhas são de sudoeste e sul, ocasionando furacões, como atestam os destroços amiúde encontrados nas praias.

Nestas ilhas não existem traços de habitantes primitivos e a sua fauna não apresenta grande variedade; fala-se de um lobo-raposo que existiu no tempo das primeiras ocupações; gado selvagem existia até bem pouco tempo. Tem diminuído o número de bovinos e cavalares, mas os carneiros já são mais de 600.000; a terra se presta muito a esta pecuária. Em compensação é numerosa a fauna aviária principalmente em aves marinhas que vêm do continente. Lá vivem vários tipos de pinguins, que emigram anualmente para o continente. É, pois, também, marcada a íntima ligação das ilhas com a Patagônia.

## 2 — População

São principalmente de descendência escocesa os habitantes das ilhas; lembram mais os pastores do Highlands do que os gaúchos dos Pampas. A ilha maior, Soledad é a mais povoada; lá está localizada a capital, Stanley, que conta mais de mil habitantes, isto é, a

Falklands  
ou  
Malvinas



52°

Lat. Sul

52°

Lat. Sul

As Ilhas  
do Continente

250mi.

Cabo  
San Diego

TIERRA DEL FUEGO

metade da população total do arquipélago. Na ilha da Soledad, separada da ilha Ocidental pelo estreito de San Carlos, existem algumas aldeias e ancoradouros como: *San Carlos, Piedra Sola, Dos Lomas e Pôrto Darwin*.

As ilhas Falklands são possessões britânicas, classificadas como *Colônia da Coroa*. São administradas por um *Governador* nomeado pela Rainha, assistido por um *Conselho Executivo* e por um *Conselho Legislativo*. A educação é obrigatória, pois além das escolas do govêrno, percorrem os distritos, professores ambulantes. Em Darwin existe um internato.

A principal atividade econômica das ilhas é a pecuária. As exportações, principalmente para as Ilhas Britânicas, constam de *lã, de óleo de baleia e de foca*. O comércio de peles de foca tem diminuído com a concorrência da Geórgia do Sul. Da Inglaterra recebem, as ilhas, *máquinas, produtos manufaturados, bebidas e fumo*.

As *comunicações marítimas* são mantidas com o continente, sendo o correio mensal estabelecido entre Stanley e Montevidéu. Também existem comunicações por avião. Stanley deixou de ser estação naval britânica em 1904; hoje é estação de rádio.

### 3 — Antecedentes Históricos

As "Antilhas Austrais" foram vistas por navegantes ingleses nos últimos anos do século XVI; Américo Vespúcio disse que lá esteve. Na realidade o descobridor e primeiro visitante das ilhas foi o holandês Sebald Vert, em 1598. É ainda com seu nome, Sebald, que figuram as ilhas em mapas holandeses. O nome de Falklands lhes foi dado pelo Capitão Strong, em 1690.

Tem sido muito diverso o destino das ilhas. Em 1764 o explorador francês Bougainville teve ordens para ocupá-las, em nome da França, e lá estabelecer colonos. Cumpriu a sua missão, estudou a região e chamou para povoá-las os *maloínos*, isto é, armadores de *Saint-Malo*; foi deles

que se originou o nome de Malvinas, do francês Malouines. A colônia tomou o nome de *Port Louis*, em homenagem ao rei da França. Não durou muito esta fase francesa, porque poucos anos depois a colônia era cedida a Espanha (1767). Sentido com o destino de sua colônia, Bougainville empreendeu as viagens científicas que o tornaram célebre. Aconteceu porém que, ainda no tempo dos franceses, o Comodoro Byron tinha ocupado, em nome da Inglaterra, a pequena ilha de *Saunders* e lá estabelecido *Port Egmont*, ignorado, segundo dizem, pelos espanhóis. Em 1769-70 o caso quase levou a um conflito; finalmente foi resolvido, em 1771, por uma Convenção a cessão das ilhas a Inglaterra.

Abandonadas as ilhas pelos inglesas, durante o período napoleônico, voltaram a serem espanholas e passaram para a Argentina, herdeira deste setor geográfico. Em 1829 foi nomeado governador das Malvinas Luiz Vernet, que tinha nelas localizado famílias de agricultores e criadores. Em 1831 este funcionário sequestrou três barcos norte-americanos que estavam, clandestinamente, caçando lobos marinhos. Uma fragata dos Estados Unidos, comandada pelo Tenente Ducan, desembarcou um destacamento em Soledad, destruiu a artilharia de defesa, matou muito gado, prendendo o encarregado da colônia e mais três cidadãos (31 de dezembro). Era então presidente, Juan Manuel Rosas, no cumprimento de seu primeiro mandato presidencial. Foi imediatamente dirigida para Washington uma enérgica reclamação e, por via diplomática, o govêrno Andrew Jackson reconheceu os direitos argentinos.

O *incidente americano* deve ter lembrado, aos ingleses, que haviam abandonado as ilhas durante meio século, que poderiam ocupá-las novamente. Em 1832 uma corveta britânica, *Clio*, apresentou-se diante de Puerto

Soledad (hoje Stanley) e a 3 de janeiro de 1833 efetuou o desembarque, dando horas apenas para que fôsse arriada a bandeira argentina e saíssem as autoridades da ilha. Foi logo apresentado, ao encarregado de negócios da Inglaterra em Buenos Aires, um protesto contra “un echo tan violento como descomedido, en medio de la mais profunda paz y cuando la existencia de estrechas y amistosas relaciones...” não davam lugar a semelhante agressão. A questão foi calorosamente discutida na Sala dos Representantes. Mariano Moreno era então ministro argentino em Londres, onde apresentou diplomáticamente veemente protesto. No Foreign Office estava o intratável Palmerston, preocupado, aliás, com os sucessos de Mohamed Ali, naqueles momentos decisivos da política européia. As negociações com a Argentina foram longas e não apresentaram resultados; no entanto o governo de Buenos Aires nunca deixou de continuar a *reclamar a devolução* do território que considera argentino, baseando-se em argumentos geográficos, históricos, econômicos e jurídicos.

#### 4 — Depois da Batalha

Não há dúvida de que a ocupação dessas ilhas do Atlântico Sul tem sido útil à Inglaterra. Em Santa Helena, em pleno Atlântico, conseguiu isolar Napoleão. Cem anos depois as ilhas Falklands lhes serviram para reunir uma poderosa esquadra, e nas suas águas colher a maior vitória naval da Primeira Guerra Mundial. De fato, no Pacífico, em Coronel, nas costas do Chile, a esquadra britânica do Vice-Almirante Cradok havia sido, a 1.º de novembro, seriamente derrotada pela esquadra alemã do Conde von Spee. Os alemães vitoriosos esperavam uma desforra, mas quando se dirigiram para as Falklands, as suas grandes unidades

(com exceção do Dresden) foram tôdas postas à pique, salvando-se apenas duzentos homens, pelos botes ingleses de socorro. Por sua vez a frota britânica só contou com 19 baixas e 6 mortos. Ficou, assim, a marinha da Inglaterra com o domínio absoluto dos mares até começar a guerra submarina, que se seguiu na última fase do conflito. A Segunda Guerra Mundial não dispensou o apoio das Falklands, que não perderam para os ingleses o interesse que nelas tinham tido.

Nestas condições fêz-se ouvir, novamente, a voz da República Argentina, quando renovou suas reclamações na *Conferência Pan-Americana do Panamá*. A 1.º de setembro de 1939 Stanley havia se tornado, novamente, o quartel general das operações no hemisfério sul (Atlântico e Pacífico) e vários navios alemães capturados tinham sido levados para as Falklands.

No fim da guerra o governo argentino, instado pela Câmara dos Deputados, levou ao *Conselho de Segurança das Nações Unidas* uma nota no sentido de fazer valer as pretensões argentinas, sem, contudo, resultar em nada de positivo. A questão continua em discussão, criando entre a Inglaterra e a República Argentina uma situação incômoda, que privou a Rainha Elizabeth II de passar por êste país sul-americano, durante as visitas que fêz ao Brasil e ao Chile, em fins de 1968.

Com a visita de Lord Chalfont a Buenos Aires, a debatida questão passa a ser levada, novamente, a tentativas de acórdos. A opinião inglesa se acha dividida a êsse respeito: o *governo trabalhista*, mais inclinado a uma solução conforme os desejos de Buenos Aires, encontra no Parlamento a opinião contrária dos *Conservadores*, que entendem ser imprudente para a Inglaterra ceder a tôdas as solicitações de potências que têm com ela reivindicações territoriais. Por outro lado, a

mudança de nacionalidade de sua população, de dois mil habitantes, sujeita às leis inglesas e pagando poucos impostos, não se apresenta vantajosa para que, por simples plebiscito, tome essa resolução. A solução que, com toda justiça, acabará se impondo, só poderá

ser obtida por meio de uma *Convenção*, na qual deverão ser levados em consideração e fixados detalhadamente os interesses da população das ilhas Falklands restituídas a Argentina.

(Dezembro de 1968)